

# *Trajetórias de Mulheres Negras Brasileiras com Destaque Social e Militantes no Antirracismo: uma Pesquisa em Construção*

NASCIMENTO, Luciana /UAB/CEDERJ/UNIRIO; SEMED/PMQ; SME/PCRJ -  
lucianagnascimento@hotmail.com

---

*Eje: 63 Historia de las mujeres negras en América Latina: luchas, aportes y desafíos*

*Tipo de trabajo: ponencia*

---

» *Palabras claves: Mulher – Negritude – Prestígio Social*

## › **Resumo**

- › Este trabalho reflete nossa aspiração para o desenvolvimento de uma pesquisa dialógica, interessada no papel social de Mulheres Negras brasileiras no campo da intelectualidade contemporânea. Pretendemos refletir sobre as histórias de vida destas, que chamaremos de “Intelectuais Negras” por atingirem o campo das ideias, espaço legitimado de poder, apresentando destaque na elaboração de conhecimentos, colaborando com a desconstrução da visão estereotipada, comumente relacionada ao gênero feminino, especialmente quando este evidencia filiação na negritude, a partir da atuação em áreas do ofício consagradas e dominadas por representações masculinas, como as Artes, a Educação, a Comunicação, as Humanidades e a Literatura. Diante disso, caberá investigarmos as influências políticas e pedagógicas presentes no curso das vidas destas cidadãs que se mantêm engajadas na militância antirracista, permitindo-lhes ultrapassarem os limites impostos por uma linha abissal hierarquizadora de saberes (Santos, 2010). Sublinharemos as influências das produções sociais destas Mulheres, apreciando as interpretações que fazem a respeito da necessidade de ruptura com o paradigma colonial de representação identitária, no qual o padrão europeu é compreendido como universal (Oliveira; Candau, 2010), cedendo espaço às dimensões éticas, identitárias e representativas em prol de uma perspectiva decolonial para enfrentamento das concepções discriminatórias sobre o gênero feminino e a negritude. À vista disso, torna-se relevante ouvirmos as vozes destas Mulheres que demarcam espaço e se destacam no cenário brasileiro como protagonistas de suas narrativas, criando laços identitários com aquelas que ao longo da História padecem com a carência de representatividade. Nossa orientação persegue, portanto, construir uma

pesquisa de relevância social, edificando um banco de dados que poderá contribuir com a construção de uma sociedade imparcial, equitativa e justa.

## > ***Apresentação***

- > Ao longo da História, verificamos, no âmbito das relações humanas, a criação de mecanismos para opressão dos sujeitos na garantia de um sistema soberano de poder. Nesta perspectiva, encontramos um composto ideológico que na prática produz a hierarquização dos gêneros, das raças/etnias e culturas, organizando uma pirâmide civil cujo topo privilegiado é formado por homens, brancos e culturalmente ocidentais. No Brasil, os indivíduos não enquadrados neste arquétipo endossado como ideal, acabam subordinados a um acúmulo de mazelas que marginaliza e furta direitos civis, posto que, embora a sociedade seja regulada por um conjunto de legislações que configuram a Carta Magna na qual está determinada a igualdade de direitos às cidadãs e aos cidadãos, observamos uma prática que segrega, estereotipa e discrimina pessoas, impedindo-as de usufruírem benefícios concernentes à coletividade.
- > No território brasileiro, sofremos com uma imposição paradigmática que supervaloriza a heteronormatividade masculina. Como consequência, verificamos a subalternização das mulheres a partir do desprezo ao seu potencial para desempenho societário, intelectual e político em comunidade, submetendo-as a opressões e mazelas no interior de uma conjuntura social patriarcal, sexista e machista. Este problema é pontuado por uma lógica na qual as diferenças são realçadas para gerar desigualdades sociais e, em um contexto de particularidades que marca as relações comunitárias, merece destaque a visão resistente à equidade entre os gêneros – aqui percebidos como uma construção social que define lugares sociais a partir de posições de poder, consolidando uma relação binária na qual os homens são privilegiados em relação às Mulheres (LOURO, 1997).
- > A opressão às Mulheres é um risco ao alcance de seu pleno exercício cidadão, podendo limitar suas múltiplas possibilidades de evolução comunitaria, e essa coerção se sustenta, de acordo com Bairos (1995), no fato de que

O uso do conceito mulher traz implícito tanto a dimensão do sexo biológico como a construção social de gênero. Entretanto a reinvenção da categoria mulher frequentemente utiliza os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal – passiva, emocional, etc - como forma de lidar com os papeis de gênero. Na prática aceita-se a existência de uma natureza feminina e outra masculina fazendo com

que as diferenças entre homens e mulheres sejam percebidas como fatos da natureza. Dessa perspectiva a opressão sexista é entendida como um fenômeno universal, sem que no entanto fiquem evidentes os motivos de sua ocorrência em diferentes contextos históricos e culturais (p.458).

- > Em contrapartida, na atualidade, acompanhamos o fortalecimento do enfrentamento pela igualdade de direitos entre os gêneros sustentado, em grande medida, no engajamento dos movimentos sociais que buscam a modificação do imaginário social em um contexto de desigualdade civil entre os gêneros. Em se tratando de mulheres, almeja-se a superação das condições desfavoráveis à cidadania feminina pela reconstrução da compreensão ainda hegemônica na sociedade brasileira sobre a inferioridade da mulher em comparação ao homem, especialmente no que diz respeito à sua capacidade intelectual, na tentativa de acabar com um sistema de supressão de prerrogativas sustentado por uma classificação machista, e naturalizada, dos gêneros.
- > Neste caminho, pretende-se interromper a perpetuação da ideologia discriminatória e repressora ao desenvolvimento civil das Mulheres, para que possamos trilhar, em liberdade, um percurso para além dos limites sociais impostos, geralmente condicionadas às tarefas do lar e ao exercício da maternidade, superando a subserviência dos interesses de uma sociedade pautada na figura masculina como soberana nas relações sociais, desconstruindo critérios outrora fortalecidos e que se configuraram como obstáculos ao alcance da plena cidadania e limitadores da atuação feminina nas diversas esferas da sociedade.
- > Complementando este cenário autoritário e repressor às cidadãs brasileiras, deparamo-nos com o pensamento racista que discrimina e estereotipa as representações identitárias alheias ao modelo oficialmente aceito, branco de padrão europeu, gerando ausência de representatividade positiva a partir da desvalorização da identidade negra, sobretudo na esfera feminina. Neste ponto, encontramos as Mulheres, sobretudo as Mulheres Negras, como vítimas de uma compreensão dominante que ao longo dos séculos usurpou direitos e as negou o reconhecimento perante o protagonismo que apresentaram nos caminhos da História.
- > E, ao focarmos a Mulher Negra, podemos dizer que sofremos com um acúmulo de mazelas, demarcado pelos critérios gênero e raça, determinando a classe social da maioria de nós. Assim, a negritude e o feminino constituem-se como determinantes duplamente prejudiciais às cidadãs, que acabam não conseguindo alcançar posições de

prestígio em termos de atuação profissional, como médicas, advogadas, administradoras de empresas. Segundo Loras (2015), “a condição da mulher negra no Brasil parece não ter tirado proveito do formidável progresso social que a sociedade brasileira conquistou desde a volta da democracia”, e a autora indica a história, a escravidão e as condições socioeconômicas como determinantes para a condição subalterna na qual muitas ainda se encontram, pois são reduzidas as chances de nós, Mulheres Negras, ascendermos na sociedade racista e sexista na qual nos encontramos.

- › Sobre esse ponto, Loras (2015) destaca que:
  - › São culpados pela situação os preconceitos, o conservadorismo desta ordem social estabelecida; as mídias também, que veiculam sem questionamentos esta imagem caricatural de uma mulher negra vestida em trapos, em uniforme branco ou, nos melhores dos casos, em rainha seminua de bateria de escola de samba. (...) Mas são culpados também aqueles que reproduzem esse tipo de conduta e a falta de formação uma vez que a proeminência da história se transforma em resignação e submissão, impedindo à mulher negra de se projetar de outra forma e cada vez mais alto, ao invés de transmitir este sentimento de auto depreciação até aos seus filhos (LORAS, 2015).
- › Diante desta conjuntura social, política e influenciadora da estrutura econômica, faz-se necessário realçarmos Mulheres Negras contemporâneas que conseguem/conseguiram driblar o status quo para se destacarem como formadoras de opinião em áreas e campos do saber notórios, porém habitualmente de domínio social masculino, a partir de comprovada competência reveladora do prestígio e credibilidade que alcançaram em suas esferas de atuação, conduzindo carreiras bem sucedidas, subvertendo a lógica de negatividade à ascensão social da Mulher Negra, e construindo um referencial positivo para crianças, jovens e adultas que aspiram por representação identitária afirmativa.
- › Além disso, merece destaque a preocupação que estas Mulheres mantem com a exaltação de seu pertencimento étnico-racial, através da militância antirracista, que reverbera também nas suas atividades profissionais, nas quais é destacada a temática gênero/raça/classe no centro do debate produtivo. Portanto, cumpre desenvolvermos uma pesquisa analítica sobre as trajetórias de Mulheres de destaque como “Intelectuais Negras”, por estarem colaborando para a reconstrução do imaginário social brasileiro - sexista, machista e racista -, sustentando-se tanto no campo das reflexões teóricas, como na militância antirracista, instigando e inspirando reflexões sobre a posição da Mulher Negra na sociedade de classes.

- › Por esses expostos, cabe darmos voz às Mulheres Negras que subvertem esta ordem, alcançando uma posição social mais evoluída do que estiveram nossas ancestrais, pois acreditamos na esperança que nutre utopias, contribuindo para a consolidação de um futuro diferente da realidade posta hoje.

- › ***A Mulher Negra no Imaginário Social Brasileiro***

- › Ainda vivenciamos no Brasil, uma conjuntura política e social marcada pelo patriarcado, o sexismo, o classismo e também atravessada pelo racismo. Essas marcas acabam aprofundando as desigualdades existentes no país, sobretudo quando pensamos na interseção<sup>1</sup> raça/classe/gênero como influenciadora das relações de poder estabelecidas. Para exemplificar esta penosa realidade, podemos citar a composição ministerial da atual presidência da República, formada majoritariamente por homens, brancos e ricos, refletindo uma sociedade que inibe a ascensão política e econômica daqueles pertencentes aos grupos das chamadas minorias, formado por pessoas cujas vozes são melindradas socialmente, não atingindo representatividade social e, por conseguinte, alijados dos processos de inclusão político-econômica.

- › No entanto, ao analisarmos dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada no ano de 2014, verificamos que mais da metade da população brasileira é formada por mulheres e por negros (considerando negros e pardos, conforme critério de análise do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE) autodeclarados. Porém, ao observarmos a participação destes grupos populacionais nas diferentes esferas sociais, a partir de uma perspectiva sobre gênero e raça, constatamos um número reduzido de Mulheres Negras no universo com maior prestígio social e, neste sentido, concordamos com Jurema Werneck (2007) quando esta destaca que a Mulher Negra é vítima de estereótipos não só no Brasil como em outras partes do mundo e,

- › Esta representação insuficiente ou desfavorável se dá a partir dos interesses e necessidades envolvidos nas disputas de poder entre diferentes segmentos sociais, onde têm primazia a população branca e o sexo masculino. Ou seja, a inferiorização das

---

<sup>1</sup> A estadunidense Kimberlé Crenshaw compreende, em sua tese defendida em 1989, o conceito de *interseccionalidade* como

“... uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (CRENSHAW, 2002, 177).

mulheres negras se desenvolve a partir de um contexto onde assumem relevância características biológicas como cor da pele e sexo, que vão embasar sistemas de hierarquização social definidos como racismo e sexismo. Analisadas a partir do ponto de vista das mulheres negras, as formas correntes de pensamento relativo às relações sociais, em especial aquelas referentes às relações raciais e de gênero daí derivadas, produzem um ambiente de violenta exclusão traduzido em piores indicadores socioeconômicos. O que pode significar também menor acesso aos mecanismos de afirmação de poder e de manejo das estruturas políticas e sociais (WERNECK, 2007, p.02).

- › Ressaltamos que as relações de poder tecidas no meio comunitário são definidas a partir da compreensão sobre papéis sociais construída ao longo das trajetórias de formação dos sujeitos, na qual um processo formal de ensino pautado em preconceitos e na hierarquia de elementos a partir de especificidades humanas como o gênero e a raça, favoreceu ao acúmulo de mazelas sociais vivenciados pelas cidadãs, sobretudo as cidadãs negras em diáspora<sup>2</sup>. Por isso, inserir o debate sobre a condição social das Mulheres Negras perante a coletividade hoje, configura-se como uma questão essencial às reflexões tecidas a partir do campo da Educação no Brasil, na medida que consideramos importante ponderar os conceitos destacados no processo de escolarização dos indivíduos, analisando sua influência para a valorização da diversidade e exaltação da igualdade de direitos entre os gêneros.
  
- › Em vista disso, pretendemos investigar as trajetórias de vida, educacional e política de Mulheres Negras destaques no campo da produção de saberes, tanto nos diferentes espaços compreendidos como lugares de poder, nos quais as tensões em torno da disputa pela soberania do discurso estão colocadas entre os gêneros. Convém destacá-las diante de suas atuações enquanto formadoras de opinião em áreas do saber notório, porém habitualmente de domínio social masculino, dinamizando processos político-sociais-pedagógicos em espaços autenticados de prestígio, mas também em instâncias pouco prestigiadas, embora de relevância comunitária.
  
- › Pretendemos evidenciar sujeitas com comprovada competência reveladora da notoriedade e credibilidade que alcançaram em suas esferas de atividades, mesmo em domínio micro social, mantendo o alinhamento à militância antirracista, da mesma forma que atuantes pela igualdade entre os gêneros. Para a definição da população a ser

---

<sup>2</sup> De acordo com os escritos de Stuart Hall (2008), o conceito de diáspora “está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (p. 32).

ouvida nesta pesquisa, utilizaremos como critério a preocupação que estas Mulheres mantem com a exaltação de seu pertencimento étnico-racial, fazendo reverberar também nas suas atividades profissionais a temática gênero/raça/classe no centro do debate produtivo.

- › Logo, caberá desenvolvermos uma pesquisa analítica e dialógica sobre as trajetórias de Mulheres Negras que subvertem/subverteram a lógica de negatividade à sua ascensão intelectual, possibilitando a edificação de um referencial positivo para crianças, jovens e adultas que aspiram por representação identitária afirmativa, principalmente quando pensamos nos contextos hostis voltados à negritude e, igualmente, inspirando reflexões sobre a posição da Mulher Negra na sociedade de classes.
- › Diante destes fatos, bem como pensando na valorização da Mulher, da negritude, com atenção às diversidades cultural e étnico-racial transversais ao Brasil, faz-se necessário recuperarmos personagens femininas da atualidade que rompem/romperam com estigmas e estereótipos socialmente construídos relacionados à Mulher Negra, para alcançarem posição de destaque, assim como prestígio, em áreas notórias, porém habitualmente de domínio social masculino.
- › Neste intento, objetivamos traçar investigação a partir das biografias de Mulheres Negras hoje respeitadas em suas áreas de atuação no cenário brasileiro, também militantes na luta antirracista, logo, atentas às dificuldades enfrentadas pela população negra quanto ao alcance de relevância como grupo populacional detentor de habilidades múltiplas e práticas culturais específicas. Através deste projeto de pesquisa pretendemos analisar como questão central: “Como os caminhos trilhados por cada uma das Mulheres Negras investigadas contribuiu para que subvertessem a lógica opressora que afeta o grupo populacional ao qual pertencem, possibilitando-lhes destaque no campo da produção do saber?”. No decorrer das investigações sobre suas histórias de vida, convirá realçarmos como os processos de formação política e educacional influenciaram suas trajetórias pessoais e profissionais, já que nossa hipótese é a de que há um encontro entre esses prismas instigando ações de resistência às adversidades atravessadas pelos critérios gênero/ raça impostas socialmente.
- › ***Intelectuais Negras e Trajetórias de vida:***

Inserir o debate sobre a condição social das Mulheres Negras perante a coletividade hoje, configura-se como uma questão essencial às reflexões tecidas no campo de pesquisa sobre a Educação no Brasil, na medida que consideramos importante ponderar os conceitos destacados no processo de construção cidadã dos indivíduos, em diferentes contextos, analisando sua influência para a valorização das diversidades, incluindo a étnico-racial, e exaltação da igualdade de direitos entre os gêneros. Acreditamos que a Educação enquanto campo científico também é responsável por compreender as engrenagens sociais que alicerçam os discursos dominantes, opressores de minorias representativas, a fim de indicar caminhos para superação das adversidades configuradas. Pretendemos analisar o percurso de formação política-pedagógica, tanto no âmbito formal quanto no não-formal, de Mulheres Negras que se destacam pelo comportamento social de solidariedade e enaltecimento aos conhecimentos variados, às manifestações culturais e às representações sociais específicas dos afro-brasileiros, resistindo e atuando em um contexto opressivo, o qual poderia levá-las a ignorar a luta e resistência dos seus semelhantes.

- › Desse modo, destacaremos aquelas que hoje apresentam notoriedade em áreas de prestígio social, almejando compreender o que permitiu a estas mulheres chegarem onde estão, qual a motivação para a militância antirracista e, como o processo de formação institucionalizado afetou essas trajetórias. E, como sujeitos de nossa pesquisa, destacamos inicialmente as escritoras Conceição Evaristo, Elisa Lucinda, Jarid Arraes; as Professoras Nilma Lino Gomes, Giovana Xavier; a filósofa Djamilla Ribeiro; as jornalistas Flávia Oliveira e Luciana Barreto; e outras que serão identificadas no decorrer da pesquisa.
- › Neste caminho, admitimos compreender as bases que permitem a ruptura com a perpetuação da ideologia discriminatória e repressora ao desenvolvimento civil das Mulheres Negras, possibilitando-lhes trilharem em liberdade um percurso para além dos limites sociais impostos, ainda condicionados à objetificação de seus corpos e ações, não percebidas enquanto sujeitas de história própria. Por meio deste trabalho investigativo nos será possibilitado construir um corpus contrário ao modelo subserviente e curvado aos interesses de uma sociedade pautada na figura masculina como soberana nas relações sociais, desconstruindo critérios outrora fortalecidos e que se configuraram como obstáculos ao alcance da plena cidadania feminina e limitadores da atuação destas sujeitas nas diversas esferas da sociedade.
- › Através desta pesquisa, almejamos ouvirmos as vozes de mulheres marcadas pela negritude e que vem demarcando espaço, com destaque no cenário brasileiro enquanto

protagonistas de suas narrativas, criando laços identitários perante aquelas que ao longo da História padecem com a carência de representatividade no cenário macrossocial. Nossa orientação persegue, portanto, construir um trabalho de significância social, edificando um banco de dados que poderá contribuir com a construção de uma sociedade imparcial, equitativa e justa.

## › **Bibliografia**

BAIROS, Luiza. **Nossos feminismos revisitados**. *Revista Estudos Feministas*. n.2/1995.

CANAU, Vera Maria F; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.26, n.01, p.15-40, abr. 2010.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, 14, 1989.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guarda Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 410 p.

LORAS, Alexandra Baldech. (2015). **“A mulher negra sabe que tem um longo caminho”**. Disponível em: <http://www.lula.com.br/mulher-negra-sabe-que-tem-um-longo-caminho>. Acesso em: 15/08/2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de S; MENESES, Maria P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

WERNECK, Jurema Pinto. **“O Samba Segundo as Ialodês: Mulheres negras e a cultura midiática.”** (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, Março, 2007.